

## OS “DESTINOS” DAS PALAVRAS ADVINDAS DA LITERATURA CLÁSSICA: APAGAMENTO OU UNIVERSALIDADE

Gláucia Beretta  
UEMS  
Rosana Pegorari Castaliano  
UEMS

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo apresentar discussão acerca de palavras da língua portuguesa falada no Brasil, cujas origens remontam aos clássicos literários que, com passar do tempo, tomam rumos opostos: ou permanecem em uso ou sucumbem ao total apagamento, porém, invariavelmente, todas tenham olvidadas suas procedências.

**Palavras-chave:** Balzaquiana, Quixotesco, Utopia, Conceituação, Etimologia, Filologia.

### Introdução

Detectamos o atual desconhecimento das palavras *balzaquiana* e *quixotesco*, entre a maioria dos acadêmicos (cursos de Letras e de Geografia da UEMS-Campo Grande), quando da apresentação de trabalhos sobre as obras *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Machado de Assis, 1881) e *Dom Quixote* (Miguel de Cervantes, 1564), respectivamente.

Sabendo-se que ambos os vocábulos estão inscritos em dicionários da língua nacional, desde remotos tempos (1964 o mais antigo dicionário consultado), refletimos sobre a questão e fomos levadas a justificar a ignorância dos termos em virtude da evidenciada falta de leitura literária clássica, porém, vimo-nos impedidas da assertiva quando nos deparamos com outra expressão, *utopia* (a partir da leitura da obra de mesmo título, de Thomas Moore ou, do latim, língua em que é originalmente escrito o livro, *Morus* (1516)), de iguais raízes literárias, ainda vigente e aplicada nos mais diversos discursos da atualidade.

Restou-nos a dúvida: por que teriam caído em desuso termos tais quais *balzaquiana* e *quixotesco*, e o mesmo não se dera com *utopia*, embora, todos tenham seus nascimentos na literatura?

E é isso que nos propomos averiguar, muito embora, trate-se aqui de um incipiente trabalho, ao qual ainda deverão ser acrescidas pesquisas outras, muito além de consultas a livros diversos ou colóquios informais e desprovidos de sistematização, como os que foram efetivados até a presente data.

Desta feita, teóricos tais como Baccega, Bakhtin, Haug e Hayakawa, dicionários enciclopédicos, etimológicos, filosóficos e de sinônimos, e, literatos como Assis, Balzac, Cervantes, Ginzburg, Hegel, Morus e Serejo Embasaram estes estudos. Uma merecida e mais densa pesquisa deverá seguir-se *a posteriori*.

### **Aspectos Etimológicos e Filológicos**

HAUY (1989) já postulava que a língua é instrumento de comunicação humana não estável, progressivo, cuja configuração se adequa no tempo, no lugar e espaço. Acompanha o evoluir da sociedade que a utiliza, submetendo as mudanças linguísticas ao intrínseco jogo de valores sociais que podem bloquear, retardar ou acelerar o uso de uma ou outra variedade da língua. Os fatos sociais, o tempo histórico e até fatores geográficos e de domínio dão efemeridade à língua, principalmente a falada, ainda que a mudança seja lenta e gradual.

Daí advém que é válido conhecer a raiz de uma palavra e o espaço ocupado por ela na língua, observando sempre os caminhos que serão percorridos e as oscilações a que estará submetida.

Por etimologia, segundo dicionários, AURÉLIO e MICHAELLIS, compreende-se a origem de uma palavra, ou o estudo da origem e formação das palavras de determinada língua, e, por filologia o estudo da língua em toda a sua amplitude; ciência que, por meio de textos escritos, estuda a língua, a literatura e todos os fenômenos de cultura de um povo. Sob tais perspectivas serão tratados os termos *balzaquiana*, *quixotesco* e *utopia*, após relatos de significação nos mesmos supracitados dicionários:

*balzaquiana*: diz-se de, ou mulher de trinta anos, ou mais ou menos dessa idade. De Balzac, em alusão ao romance de sua autoria, a mulher de trinta anos;  
*quixotesco*: diz-se de ato ou dito de ingênuo, romântico ou sonhador; que é relativo ou se assemelha à figura literária de Dom Quixote, personagem do romance com o mesmo nome, de Miguel de Cervantes (1547-1616); que ingenuamente se mete em questões que não lhe dizem respeito, e por via de regra se sai mal; [por extensão] que revela generosidade e ideias nobres, mas que é ingênuo e muito distraído; [figurado] que é ridiculamente pretensioso;  
*utopia*: projeto irrealizável, quimera, fantasia; sistema ou plano que parece irrealizável; país imaginário onde um governo, organizado da melhor maneira, proporciona condições de vida a um povo equilibrado e feliz; [por extensão] descrição ou representação de qualquer lugar ou situações ideais em que vigorem normas e/ou instituições políticas altamente aperfeiçoadas.

De dicionário etimológico, transcrevemos que *balzaquiana* é aplicado às mulheres que estão na faixa dos trinta anos, porque além de designar aquilo que é relativo ao escritor francês Honoré de Balzac (1799-1850) ou à sua obra, aplica-se para qualificar mulher na casa dos trinta anos, expressão cunhada após a publicação de *La femme de trente ans* [*A Mulher de 30 Anos*] (1831), em que o escritor realiza uma análise do destino das jovens na primeira metade do século XIX, em particular dentro do casamento. E faz uma apologia às mulheres de mais idade, que, amadurecidas, podem viver o amor com maior plenitude. É o que acontece à heroína da narrativa, Júlia. Ela se casa com um oficial do exército, mas depois descobre que a relação está longe de ser o que imaginava. Vê-se, então, presa a um matrimônio infeliz. Quando se torna uma trintona, porém, a moça consegue encontrar o amor nos braços de Carlos Vandenesse.

Por *utopia* tem-se, como significado mais comum, a ideia de [civilização ideal](#), imaginária, fantástica. Pode referir-se a uma cidade ou a um mundo, sendo possível tanto no futuro, quanto no presente, porém em um paralelo. A palavra foi cunhada a partir dos radicais [gregos](#) *οὐ*(não) e *τόπος*(lugar), portanto, o "não-lugar" ou "lugar que não existe". Termo criado pelo escritor inglês [Thomas More](#) (1480-1535), que cognomina um país imaginário, título de uma de suas obras escritas em latim por volta de [1516](#). Segundo a versão de vários historiadores, More teria se fascinado pelas narrações extraordinárias de Américo Vespúcio sobre a recém avistada ilha de [Fernando de Noronha](#), em [1503 e, assim](#), decidira-se escrever sobre um lugar novo e puro onde existiria uma sociedade perfeita. Equivale sinonimicamente a fantasia, fantasmagoria, mito, quimera, sonho, teoria.

Apresentadas suas origens, resta-nos reconhecer, segundo BAKHTIN(1986, p.95) que:

A palavra está carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, 1986, p. 95)

### Aspectos Gerais

HAYAKAWA (1963, p. 193) já afirmava que “aprender linguagem não é simplesmente aprender palavras: é, antes, relacionar corretamente as palavras às coisas e aos acontecimentos que elas representam”.

E mais: “as palavras provêm das nossas necessidades de exprimir” (idem, p.194).

Ao que se acrescenta de BACCEGA (2007, p. 32):

O sentido de uma palavra “nasce”, produz-se, em geral, a partir de mudanças sociais, a partir de novas teorias, a partir de conteúdos novos – de novas ações humanas, enfim. Essas novas ações brotam a cada momento no cotidiano, muitas vezes num processo lento, outras vezes rapidamente, de acordo com o momento histórico. (BACCEGA, 2007, p. 32)

E estabelece que “a fala é sempre produto de um indivíduo social, já que os significados nada mais são, como vimos, que “contratos” estabelecidos entre sujeitos organizados socialmente” (BACCEGA, 2007, p.40).

Isto posto, torna-se natural entender por que palavras como *balzaquiana*, *quixotesco* e *utopia* saltaram das obras literárias e tomaram suas funções na linguagem. Da leitura do texto literário, termos adequados à contextualidade se fizerem empregáveis até quando conveniente.

É interessante constatar que quanto à classe gramatical, *balzaquiana e quixotesco pertencem* ao grupo dos adjetivos, ou seja, palavras que modificam o substantivo, indicando-lhe características, seres por acidente que inexistem por si, dependentes de outros a que determinarem. Diferentemente destes, *utopia* é palavra substantiva, ser por substância, que nomeia alguma coisa. Segundo o dicionário MICHAELIS, designativo da palavra que, exclusivamente e sem auxílio de outra, designa a substância; que designa um ser real ou metafísico.

A condição de substantivo corrobora para a sobrevivência da palavra através dos tempos, em oposição às outras, adjetivas, que podem ser sempre substituídas por sinônimos outros, consoante dicionário de sinônimos, tais quais:

- balzaquiana: trintona, mulher madura, mulher adulta;
- quixotesco: cavalheiresco, corajoso, cortês, delicado, generoso, nobre.

Some-se a isso o fato de *balzaquiana e quixotesco migrarem*, de modo indireto. Aquela tomou do nome do autor para lhe ser atribuída a ideia que lhe foi dada, e a última, das características da personagem criada por Cervantes. Em oposição a tais formações, *utopia* é transplantada de seu conceito original no romance para o uso disseminado a que lhe foi instituído.

Outro possível agravante, fator que pode ter contribuído para minar o uso dos adjetivos *balzaquiana e quixotesco*, seria o caráter tendenciosamente pejorativo impingido a ambos os adjetivos que, distanciados de seus nascedouros, com o passar dos séculos e atrelado à ausência de leitura e de conhecimento das obras donde advieram, empalideceram suas finalidades.

No tocante ao primeiro dos vocábulos, *balzaquiana*, Honoré muito estranharia o mundo do século XXI, no qual as pessoas vivem mais, a velhice não caracteriza decadência (os problemas e as doenças desta faixa etária são prognosticados e controlados), a cirurgia plástica retarda a ação do tempo e, conseqüentemente, as mulheres podem retardar quanto queiram suas antigas obrigações familiares (casar e reproduzir) como podem estender sua vida amorosa até o fim de seus dias.

Quanto ao lexema *quixotesco*, poder-se-ia considerar até antiética a conotação picaresca em tempos em que se alardeiam os atos solidários, o fazer a outrem, e o almejar o melhor, numa sociedade em que valores e classes oscilam.

Há que se considerar ainda a força e profundidade da conceituação de utopia, cuja aplicabilidade está posta em dicionários outros, como no Dicionário Prático Ilustrado -Novo Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro, tomo III – História e Geografia (1964, p.1926), “romance político e social de Tomás Moro (1518). O autor, hostil à propriedade pessoal, faz, nesta obra, a descrição muito pormenorizada de um Estado socialista e democrático.”; e no Dicionário de Filosofia de ABBAGNANO (1982, p.949), cujo trecho segue transcrito na íntegra, que reforçam a universalidade e (quicá) imortalidade do vocábulo:

Do latim utopia; inglês utopia; francês utopie; alemão utopie. Tomás Moro intitulava assim uma espécie de romance filosófico (*De optimo reipublicae statu deque nova insula Utopia, 1516*) no qual relatava as condições de vida numa ilha desconhecida denominada propriamente Utopia: condições de vida que seriam caracterizadas pela abolição da propriedade particular e pela intolerância religiosa. Depois o termo estendeu-se a designar não só toda tentativa similar, tanto anterior quanto posterior, como a *República* de Platão ou a *Cidade do Sol* de Campanella, mas também em geral todo ideal político, social ou religioso de difícil ou impossível realização.

Como gênero literário, utopia cai fora da consideração filosófica: baste aqui observar que esta foi e é todavia, nessa forma, muito divulgada e que a sua última encarnação são os romances de ficção científica. Problema filosófico é a avaliação de utopia, tanto a expressa em forma romanesca quanto a expressa em forma de mito ou ideologia etc.; e sobre esta avaliação os filósofos não estão de acordo. Comte confiava à Utopia a tarefa de melhorar as instituições políticas e de desenvolver as ideias científicas (*Politique positive*, I, p.285). Marx e Engels, ao contrário, condenaram como “utopistas” as formas que o socialismo tinha assumido por obra de Saint Simon, Fourier e Proudhon, contrapondo a elas o socialismo “científico” que prevê a transformação infalível do sistema capitalista em sistema comunista, mas exclui qualquer precisão sobre a forma que assumirá a sociedade futura e qualquer programa para ela. Sorel no mesmo sentido contrapunha à Utopia “obra de teóricos que, uma vez observados e discutidos os fatos, procura estabelecer um modelo ao qual se possam comparar as sociedades existentes para medir o bem e o mal que contêm”, o *mito*, que ao contrário, é a expressão de um grupo social que se prepara para a revolução (*Réflexionssurlaviolence*, 4ed, p.46). Mannheim, ao contrário, considerou a Utopia como destinada

a realizar-se, em contraste com a *ideologia*, que não conseguiria nunca realizar-se. A Utopia seria nesse sentido o fundamento de toda renovação social (Ideology and Utopia, 1929, II, I; v. R.K.Merton, *Social Theory and Social Structure*, 1957, 3ed, cap.XIII).em geral, pode-se dizer que a Utopia representa uma correção ou uma integração ideal de uma situação política ou social ou religiosa existente. Esta correção pode permanecer, como muitas vezes aconteceu e acontece, no estado de simples aspiração ou sonho genérico, resolvendo-se em uma espécie de evasão da realidade vivida. Mas pode também acontecer que a Utopia se torne uma força de transformação da realidade ou ato e assuma corpo e consistência bastante para transformar-se em autêntica vontade inovadora e encontrar os meios de inovação. Em geral, a palavra é considerada mais com referência à primeira possibilidade que à segunda. Todavia, bem a segunda pode excluir-se; embora quando se verifica, Utopia tem que reivindicar para si o nome de ideologia ou de ideia. (ABBAGNANO, 1982, p. 942)

Resta-nos, de qualquer maneira, admitir o poder da literatura que, através de ficcionalidade e inventividade, concede-nos novos termos e avoluma nosso léxico, possibilitando novos falares, mesmo que, com o desenrolar dos anos, tais vocábulos possam, simplesmente, retornarem a seus lugares de origem - os cânones literários, ou, serem incorporados, por completo, à linguagem, desvanecidas suas matrizes, ao que HEGEL (1974, p.88) fundamentava:

O patrimônio da razão autoconsciente que nos pertence não surgiu sem preparação, nem cresceu só do solo atual, mas é característica de tal patrimônio ser herança e, mais propriamente, resultado do trabalho de todas as gerações precedentes do gênero humano. (HEGEL, 1974, p.88)

### Considerações Finais

Ao concluirmos este trabalho, tem-se que as palavras aqui estudadas, *balzaquiana*, *quixotesco* e *utopia*, provieram da literatura clássica e enriqueceram nosso léxico. O apagamento das duas primeiras no tocante ao uso e à aplicabilidade é algo que ainda se encontra desprovido de fundamentos e as causas do desuso nada mais são que conjecturas que carecem de estudos e pesquisas aprofundadas. Porém, divisa-se, a partir deste trabalho, um panorama de estudos que abrange a linguagem em subáreas, linguística e literatura, que se nos afigura fascinantes.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução Alfredo Bosi. Com colaboração de Maurice Cunioet al. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso – história e literatura**. Série Princípios. 2 ed. São Paulo: Ática, 2007.

BAKHTIN, Mikhail (V.N.Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 3 ed. SP: Hucitec, 1986.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 1 ed. Rio de Janeiro: nova Fronteira, 1984.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Tradução de Maria Betânia Amoroso. Tradução dos poemas por José Paulo Paes. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HAUY, Amini Boainain. **História da Língua Portuguesa séculos XII, XIII e XIV**. São Paulo: Ática, 1989.

HAYAKAWA, Samuel Ichiye. **A linguagem no pensamento e na ação**. São Paulo: Pioneira, 1963.

HEGEL, Wilhelm Friedrich. **Introdução à História da Filosofia**. Coimbra, 1974.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2010. Disponível em

<<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/>>. Acesso em 22.out.2011.



MORUS, Thomas. **Utopia**. Disponível em

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000070.pdf>> Acesso em 23.out.2011

SÉGUIER, Jaime De. **Dicionário Prático Ilustrado. Novo Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro.**

Volume III. Porto, Portugal: Lello & Irmão, 1964.

SEREJO, Hélio. **Pelas orilhas da fronteira**. 1 ed. Curitiba: O formigueiro, 1981.

<<http://dicionarioetimologico.com.br/>> Acesso em 11.out.2011

<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Utopia>> Acesso em 12.out.2011

<<http://www.priberam.pt/>> Acesso em 15.out.2011

<<http://www.sinonimosonline.com.br/>> Acesso em 15.out.2011

<<http://www.flip.pt/Duvidas-Linguisticas/>> Acesso em 15.out.2011

<<http://www.machadodeassis.org.br/abl/>> Acesso em 23.out.2011

## ANEXOS

Relacionamos abaixo alguns trechos de obras literárias em que os vocábulos aparecem, nas acepções aqui tratadas.

No conto *Os Balbuenas*, (SEREJO, 1981, p. 117), o narrador descreve as condições que lhe chegara o animal que cavalgava um padre maltrapilho:

Meu pai, um manancial de bondade, sempre o assistiu em tudo, Fiquei com a incumbência de cuidar de seu cavalo: um *quixotesco ruando* de pelos eriçados, pela acentuada magreza. (SEREJO, 1981, p.117)

Em *Utopia*, além do título, todo o conceito é esmiuçado durante a obra, como, por exemplo:

Na *Utopia*, as leis são pouco numerosas: a administração distribui indistintamente seus benefícios por todas as classes de cidadãos. O mérito é ali recompensado; e, ao mesmo tempo, a riqueza nacional é tão igualmente repartida que cada um goza abundantemente de todas as comodidades da vida. (MORUS, 2001, p.20)

Em *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*, GINZBURG (2003, pp. 6869) relaciona a ideia fantasiosa a país maravilhoso em tempos da Idade Média:

Tomamos Capitolo, *qual narra tutt'ol'essere d'un mondo nuovo, trovato nel mar Oceano, cosa bella, et dilettevole* que surgiu anônimo em Modena, por volta de meados do século XVI. Trata-se de uma entre as muitas variações sobre o antigo tema do país da Cocanha (nomeado explicitamente no *Capítulo* também na *Begola contra la Bizaria*, que o precede), localizado aqui entre as terras descobertas para lá do Oceano:

*Navegantes do Mar Oceano  
acharam há pouco tempo um  
divinal país, um país jamais  
visto nem ouvido ...*

A descrição repisa os motivos usuais da grandiosa **utopia** camponesa:

*Uma montanha de queijo  
ralado se vê sozinha em meio  
da planura, e um caldeirão  
puseram-lhe no cimo ... Um rio  
de leite nasce de uma grata e  
corre pelo meio do país, seus  
taludes são feitos de ricota ...  
Ao rei do lugar chamam  
Bugalosso; por ser o mais  
poltrão, foi feito rei; qual um  
grande paiol, e grão e grosso e  
do seu cu mana lhe vai  
manando e quando cospe cospe  
marzipã; tem peixes, não  
piolhos, na cabeça.*